

7

Considerações Finais

O presente estudo investigou o modo como policiais de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Rio de Janeiro percebem sua prática profissional e os riscos e relações que modelam e são modelados por essa prática. Com base na análise de recursos retóricos utilizados na fala de policiais entrevistados, buscou-se contribuir para o entendimento desse novo modelo de policiamento. Concentramos nossos esforços na identificação dos atributos reivindicados pelos policiais para caracterizarem seu papel como policiais de UPPs, e na descrição do modo como eles veem o olhar do(s) outro(s) sobre seu papel.

Os resultados indicam que os policiais da nova geração se posicionam em contraste com os policiais de rua e os policiais mais antigos, em função do maior grau de risco de suas atividades e do maior grau de comprometimento em sua atuação. Por outro lado, os policiais apontam também para fatores que dificultam o sucesso do modelo, como a falta de apoio da comunidade, de reconhecimento de seus superiores, do Estado, da Polícia Civil e da sociedade como um todo.

Levantamentos e estudos de natureza quantitativa que focalizam a Polícia Pacificadora têm apontado que falta identificação dos policiais com o projeto porque muitos declaram que gostariam de exercer outro tipo de policiamento e por esses agentes acreditarem que se trata de um programa eleitoreiro, que não resolve o problema da criminalidade e que vai ter fim após a realização dos Jogos Olímpicos no Brasil (CESEC, 2011). No entanto, ao identificarmos os atributos reivindicados pelos entrevistados para caracterizarem seu papel como policiais de UPPs, observamos que, no contexto das entrevistas, eles projetam, de certa forma, um alinhamento com a proposta do projeto de renovar a imagem da polícia e a sua relação com a comunidade.

Os policiais se posicionam como mais corajosos ou idealistas por enfrentarem um cenário adverso ao exercerem sua profissão num tempo e numa cidade marcados pela violência e numa comunidade ainda ocupada e disputada

por traficantes na qual não contam com o apoio dos moradores. Além disso, avaliam seu trabalho como mais eficaz não apenas devido à proximidade física em relação aos cidadãos, mas ao seu grau de comprometimento. Desse modo, buscam (re) construir discursivamente um elo entre o papel social de policial e a imagem de mocinho.

Se, dessa forma, se apresentam como policiais diferenciados, em um aspecto, no entanto, eles se veem como todos os outros policiais: não reconhecidos pelas pessoas a que servem. Observamos que esses profissionais se veem reduzidos pela sociedade a um único papel social, o de policial, cujos direitos, entendidos aqui como seus papéis de atividade, também não são reconhecidos. Eles não acreditam que seja reconhecido o seu papel enquanto policiais nos seus direitos legais, como abordar um cidadão, por exemplo. Só seria reconhecida pelos outros a sua obrigação: defender a ordem, combater o crime e morrer se preciso for. Em suas interações cotidianas, sentem-se ainda sem o reconhecimento dos seus múltiplos papéis, o que os humanizaria, pois os papéis sociais tornados relevantes, como cidadão, trabalhador, pai de família e consumidor, são ocupados pelos outros também.

Cabe pontuar ainda, no que tange à falta de reconhecimento, que ao descreverem suas práticas profissionais, como os procedimentos que constituem uma abordagem, os policiais utilizam, muitas vezes, a voz passiva sem que nenhum termo exerça a função de agente. A mitigação da agência (DURANTI, 2004), realizada pelo próprio policial em suas construções linguísticas, vai ao encontro da desumanização que veem no olhar do(s) outro(s). Eles apresentam suas ações como se fossem realizadas por uma máquina, contudo reclamam de serem vistos de tal forma.

Descrevendo o modo como os policiais interpretam o olhar do(s) outro(s) sobre seu papel, a presente dissertação contribui para o entendimento do que dificulta a relação polícia-comunidade. Fazendo uso retórico de narrativas, em diversos momentos, os policiais apontam para o distanciamento de mundo entre policiais e moradores, assim como para a desconfiança que orienta a relação entre polícia e comunidade. Conforme observamos, essa relação é permeada por estigmas. Os policiais indicam que a sociedade não reconhece nem o que os

diferencia em termos de papel de policial nem o que os iguala em termos de seus múltiplos papéis. Isto é, de acordo com sua percepção, eles são vistos apenas como policiais e ainda muito estigmatizados.

Trazer a voz dos policiais que protagonizam as UPPs é absolutamente necessário para a compreensão das ações do estado e da população em detrimento tanto dos estigmas, de ambos os lados, que vão se consolidando no senso comum, quanto das pesquisas acadêmicas, que constroem sentido, muitas vezes, de cima para baixo, a partir do olhar do pesquisador e raramente do participante quando esse universo é focalizado.

O presente trabalho é, portanto, um passo na direção do preenchimento dessa lacuna. A partir da análise do discurso dos policiais, é possível notar, no tocante à comunicação institucional, a importância de ações que possam melhorar o diálogo entre o mundo do policial e o mundo do morador de uma comunidade. Essa dissertação pode servir de base para a instituição oferecer, em parceria com a universidade, oficinas, por exemplo, nas quais policiais que já concluíram o curso que os habilita a exercerem as suas funções reflitam sobre as questões levantadas aqui. O primeiro passo, talvez, para melhorar esse diálogo seja o reconhecimento da distância que percebemos na análise.

É fundamental ainda, como sugerem os resultados desta pesquisa, que os responsáveis pela formação de agentes para atuar em UPPs façam uma reflexão crítica sobre os conteúdos do curso e sobre a necessidade de elaborar estudos de caso que de fato preparem o policial para a realidade em que vão atuar, considerando que as adversidades não se limitam ao armamento pesado dos criminosos, mas também se constituem das pedras e muros que existem tanto do lado dos policiais quanto dos moradores, conforme a visão dos entrevistados.

Abordar questões que aproximem mais o policial da comunidade, tentando fazer um trabalho mais humanizado, pode trazer um enorme ganho na qualidade de vida desses profissionais como também de toda a população que depende de seu serviço. Acreditamos que ações como essa podem ser embasadas no conhecimento que construímos nesta pesquisa.